



A Póvoa e o Poveiro

Pelo DR. JAIME CORTESÃO

Certa propaganda exclusivista, quer de dentro, quer de fora, tem apontado ao Mundo a Nazaré como sendo, entre todas as praias portuguesas, a de interesse turístico maior. Sem ignorarmos as suas grandes belezas e as da região turística a que pertence, entendemos que outras se lhe podem igualar, quando não, de certo modo, levar-lhe a palma. Está neste caso, ao que nos parece, a Póvoa de Varzim, quando considerada em si, nos seus hábitos e na região a que pertence. Num aspecto, seguramente, a Póvoa sobreleva em interesse às demais praias portuguesas: na estrutura social e qualidade humana da sua colónia piscatória.

À comunidade poveira de pescadores, mais velha que a nacionalidade, fechada sobre si própria, endogâmica e fidelíssima às suas tradições, constitui ainda hoje, mau grado as profundas transformações dos últimos tempos, um campo riquíssimo de estudo para o etnógrafo, que deseje conhecer nas suas origens o povo português.

Tendo visitado, em companhia do seu director, o nosso velho amigo Santos Graça, o Museu Etnográfico da Póvoa, muito rico e explícito de mostruário; entrado nas casas dos pescadores; falado com eles na praia, ao levar as redes, cremos poder tirar algumas conclusões. O facto que desde logo mais fere a atenção são os «preceitos» de comunitarismo e auxílio mútuo que regem a unidade social e técnica dos poveiros, isto é, a «companha». Ao ler o livro de Santos Graça, «O Poveiro», excelente repositório flagrante de vida e factos observados, logo e mentalmente estabelecemos o paralelo com as comunidades agro-pastoris, que desde a pré-história resistem no Norte do país às transformações impostas pelo tempo. O mesmo fundo comunitário, regendo aqui o trabalho e o produto da pesca, embora se registre uma certa diferenciação de classes, conforme a categoria do barco e do pescado; a solidariedade social, mais viva ainda que nas suas congéneres de serra e agro; o governo independente e o recurso para julgamento de pleitos e testilhas ao juízo dos «homens de respeito», com repu-

gnância pela justiça oficial; a mesma elevação e austeridade moral que, na monografia de Jorge Dias, caracteriza os moradores de Vilarinho da Furna, deparámos na comunidade dos poveiros. E constitui prazer intenso, de comunicação e cordialidade humana, falar na praia ou nas suas casas com os velhos pescadores e pescadeiras.

Contra a opinião dos que atribuem ascendência fenícia ou normanda a este grupo social, tão intensamente caracterizado, supomos, ao invés, que ele se filia predominantemente nos mesmos habitantes, que no milénio anterior a Cristo habitavam as citânias do Norte. Descidos da serra para a planura e enraizados na costa, conservaram muitos dos costumes antigos: a organização comunitária; o amor à genuidade social e, como consequência, a endogamia; o sentido democrático do governo próprio e de livre escolha; e a profunda fraternidade entre os seus membros. Ao que supomos, o mesmo processo de assinalar todos os objectos de propriedade individual, os de família e os de «companha» com siglas próprias, radica na tradição pré-histórica das marcas de gado, com que se distinguiam as reses do clã. Supomos, também, que certas palavras, como o «campo», aplicado a certo mar; a «caça», ao conjunto das redes; a «ceifa», ao tempo que uma «caça» anda no mar sem ser substituída; ou as siglas, representadas por uma grade ou um arado, marcam a transição da comunidade agro-pastoril para a piscatória.

Que a influência normanda se tenha feito sentir, sob o aspecto cultural, aqui, como noutros povoados piscatórios, não duvidamos. Duma forma geral, o tipo do barco de proa alta e recurva é de origem normanda. Ainda agora observamos na igreja românica de Rio Mau, dos meados do século XII, cerca da Póvoa, um barco desse tipo num dos capitéis baixos da capela-mor do lado da Epístola. Mas a «lança», característica das fainas poveiras, é bem diferente e resulta duma sábia adaptação às necessidades locais da largada e do regresso.

A mesma evolução histórica da nação, de serrana e agricultora para marítima e descobridora, dá ao núcleo dos poveiros um interesse fundamental. Nos seus velhos costumes, «leis e preceitos», durante séculos inviolados, pode o etnógrafo e historiador perscrutar os liames sociais, a capacidade de adaptação ao meio e as energias que explicam os grandes êxitos históricos do povo português. Certos costumes como o de assinalar com siglas próprias, que ao mesmo tempo representam a árvore genealógica do indivíduo, os objectos individuais, caracterizam outros grupos de pescadores do Norte, desde Âncora a Buarcos. Nenhum conserva, porém, tão rico e puro património de tradições e de virtudes.

Aliás, um mesmo fundo de resistência e vigor moral assinala

as populações circundantes. Visitamos, sempre acompanhados pelo guia incomparável que é Santos Graça, tão eficazmente apaixonado pela sua terra, as aldeias que se entendem para o norte da Póvoa até à Estela, por Navais, Aguçadoira e Rio Alto, e surpreendeu-nos, com vivo encanto e admiração, aquilo a que na região chamam os «campos de gamela». O homem cavou nas dunas grandes espaços rectangulares, de faces inclinadas, até encontrar o solo humoso. Sangrado este por longos canais, e abertos os poços, plantou no fundo hortos de batatas, cebola, cenoura, couves; e nas paredes laterais, a vinha, para segurar a areia nos planos altos e inclinados. O resultado, pelo contraste com a esterilidade circundante, é de uma frescura incomparável. O trabalho de manter estas culturas iguala o de Sisifo. O vento e a chuva, tão frequentes na região e mais ásperos no Inverno, carreiam a areia para o fundo; e o homem é forçado a varrê-la do seu campo e restitui-la a cada passo, às muralhas laterais. Falei com um desses agricultores, homem cheio de senso e sabedoria popular, que nos referiu essas fainas aflitivas, acrescentando que, para viverem, tinham que plantar e colher três e quatro culturas durante o ano.

Igual encanto nos deu a visita às oficinas de teares familiares de Terroso, onde se tecem as célebres mantas de farrapos, e as cobertas e toalhas de «fatoucos» com o linho indígena, — indústria secular em que a vizinha e modelar fábrica de tapetes de Beiriz, embora tão evoluída, mergulha as raízes.

Se lhes juntarmos as grandes oficinas locais de ourivesaria e o semicírculo de monumentos arqueológicos e artísticos, que a envolvem e se estendem pelo Minho, bem poderá dizer-se que a Póvoa de Varzim, pelos seus múltiplos e originais aspectos, em paisagem, humanidade e arte, pode ombrear, no interesse turístico, com as melhores praias portuguesas. Mas a todos os aspectos sobreleva o interesse humano do poveiro, pura vergõntea de estirpe lusa e cerne de lusíada.

O Primeiro de Janeiro
26/7/1956

Homenagem a quatro intelectuais

Tem-se dito e escrito que a Póvoa sabe ser grata a quem a estima. Comprovou-o, entre outros actos, a homenagem de gratidão prestada em 1955, por iniciativa da Municipalidade, a quatro destacadas figuras da vida cultural que tanto a distinguiram, frequentando-a com frequência, no século passado. Consta da acta da sessão camarária de 24 de Fevereiro daquele ano: «O Vereador do Pelouro do Turismo propôs a colocação de placas nas casas em que residiram, habitualmente, Camilo Castelo Branco, Alberto Pimentel e Martins Sarmento. Disse que entendia ser esse o meio mais adequado e condigno de a Póvoa saldar a dívida de gratidão que mantém em aberto, há muito tempo, para com essas ilustres individualidades que se não limitaram a preferi-la repetidas vezes para veraneio, honrando-a com a sua presença, mas ainda levaram a sua dedicação ao ponto de a servirem, cada uma a seu modo: Camilo, referindo-a inúmeras vezes nas suas novelas e cartas, Alberto Pimentel, curando dos seus interesses junto dos Altos Poderes públicos, na qualidade de deputado pelo círculo desta vila, e Martins Sarmento, procedendo a indagações arqueológicas no concelho. Assim, tais placas, tendo fundamentalmente uma função comemorativa, valeriam ainda como permanente preito de menagem da Póvoa. Propôs ainda que, por razões similares, igual comemoração ou consagração fosse feita, agora ou futuramente, a João Penha, Oliveira Martins, Tomás Ribeiro e a outras figuras nacionais. Aprovado por unanimidade.» Na sequência desta resolução, em sessão de 8 de Março foi deliberado encarregar-se o escultor Gustavo Bastos, ao tempo professor da Escola Industrial e Comercial desta vila e hoje assistente da Escola Superior de Belas Artes do Porto, de executar as placas comemorativas em granito polido, com letras incisas e com retratos de bronze patinado, em baixo relevo, e homenagear-se, para agora, Alberto Pimentel, Camilo, Martins Sarmento e João Penha. E em sessão de 9 de Agosto era tomada esta última determinação: «De harmonia com o deliberado anteriormente, resolveu a Câmara inaugurar, no dia catorze do corrente, placas alusivas à memória de Alberto Pimentel, na Rua Paulo Barreto, de Camilo, na Rua dos Cafés, de João Penha e Martins Sarmento, no Passeio Alegre, convidando-se as famílias dos homenageados, e, para fazerem o panegírico destes, respectiva-